

## CARTOGRAFIAS INSTÁVEIS: PERCURSOS PELA CIDADE DE *NO PAÍS DAS ÚLTIMAS COISAS*, DE PAUL AUSTER

Rafaela Scardino  
Ufes

**Resumo:** Anna Blume, protagonista de *No país das últimas coisas*, de Paul Auster, viaja para uma cidade em que “a única coisa que conta é permanecer de pé”, um lugar em que nada perdura: deve-se buscar novos significados a todo momento, pois, neste lugar, alguém “só sobrevive se nada lhe for necessário”. Partindo de considerações sobre o romance do autor norte-americano e de teorias sobre o espaço na contemporaneidade, discutiremos a encenação literária das relações de produção de subjetividade nos instáveis cenários urbanos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Paul Auster. Espaços urbanos. Literatura contemporânea.

**Abstract:** Anna Blume, protagonist of Paul Auster’s *In the country of last things*, travels to an unnamed city in which “the only thing that counts is staying on your feet”, a place where nothing lasts: significances should be constantly pursuit, for, in this city, “you can survive only if nothing is necessary to you”. Using contemporary theories about space and the analysis of Auster’s novel, we will discuss the literary depiction of the relations involved in how is subjectivity produced within the unstable contemporary urban spaces.

**Keywords:** Paul Auster. Urban Spaces. Contemporary literature.

As cidades dos textos de Paul Auster oferecem como sua principal característica a instabilidade, tanto de posições – conduzindo ao imperativo do deslocamento – quanto de identidades. Logo no princípio do romance *No país das últimas coisas*, a personagem Anna Blume adverte:

O essencial é não se acostumar, pois os hábitos são mortais.  
Ainda que seja pela centésima vez, você deve tomar as coisas

como se nunca as tivesse visto. Pouco importa o número de vezes anteriores, cada uma tem de ser sempre a primeira. Isso é quase impossível, eu sei, mas é uma regra absoluta<sup>41</sup>.

As regras da cidade não podem ser generalizadas, nem transferidas de um território para outro, pois a cidade não constitui um lugar antropológico, ou seja, não faz parte daquilo que é próprio, comum ao sujeito. Se *lugares*, na definição de Marc Augé<sup>42</sup>, se caracterizam por históricos, identitários e relacionais, a cidade descrita por Anna<sup>43</sup> nos oferece muitas das características dos *não-lugares*, como a necessidade de assumir identidades previamente definidas e a hostilidade em relação à permanência, tanto de indivíduos quanto de comportamentos, além de ser marcada pela incerteza, pois “quem mora na cidade não tem garantia de nada” (*NPUC*, p. 9), e pelo signo da *instabilidade*, conceito fundamental para nossa compreensão dos espaços urbanos na obra do autor norte-americano. Essa última característica é, possivelmente, a mais perturbadora para Anna em seu contato com a cidade, por impedir a consolidação de quaisquer referências constantes: “uma casa está aqui num dia e, no outro, sumiu. Uma rua pela qual você passou ontem já não existe hoje. Até mesmo o clima flui constantemente” (*NPUC*, p. 9).

Anna vai para a cidade em busca de seu irmão, William, um jornalista enviado ao país com o propósito de produzir uma série de reportagens para um periódico de sua terra natal, mas que deixou de se comunicar com a redação há mais de nove meses. Decidida a encontrá-lo, ela embarca num navio de que é a única passageira. O primeiro contato com a cidade é amedrontador: o navio aporta à noite e, na praia completamente escura, Anna tem a impressão de estar “entrando num mundo invisível, num lugar onde só moravam cegos” (*NPUC*, p. 22). O endereço do jornal é, para ela, uma fonte de segurança, um ponto de partida para sua busca, mas, ao chegar ao local indicado,

<sup>41</sup> AUSTER, Paul. *No país das últimas coisas*. Trad. Luiz Araújo. São Paulo: Best Seller, s/d1, p. 13.

Para as seguintes citações deste texto, utilizaremos as iniciais *NPUC* e o número de página referente a essa edição

<sup>42</sup> AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

<sup>43</sup> Durante todo a narrativa, a cidade descrita por Anna Blume em sua carta jamais é nomeada.

descobre que a rua mesma desapareceu: “não era que o escritório estivesse desocupado ou o prédio abandonado. Simplesmente, não havia prédio algum, não havia nada: só pedras e centenas de metros quadrados de entulho” (*NPUC*, p. 23).

Sem ter por onde começar a procurar o irmão, Ana passa seus primeiros momentos – uma massa indefinida de tempo, que não consegue identificar como dias, semanas ou meses – vagando pela cidade, como uma sonâmbula, “sem saber onde estava, sem mesmo [se] atrever a falar com quem quer que fosse” (*NPUC*, p. 43).

A cidade retira dos habitantes a possibilidade de assentar sistemas de signos que conduzam à compreensão e conseqüente estabelecimento de vínculos com seus territórios, impedindo a fixação de conhecimentos, também eles sujeitos à flutuação e à instabilidade que a caracterizam: “a vida, tal como a conhecemos, acabou, e, entretanto, ninguém é capaz de compreender o que foi que a substituiu” (*NPUC*, p. 24). Anna identifica facilmente a perda de um modo de vida, isto é, de uma maneira de perceber os fenômenos à sua volta e de lidar com eles, mas é incapaz de vislumbrar aquilo que poderia ter-lhe substituído, daí a necessidade de incessante negociação, como numa busca por tentativa e erro, até a compreensão daquilo que tomou seu lugar.

“Confrontado com o fato mais corriqueiro, você já não sabe como agir, e, não podendo agir, acaba se tornando incapaz de pensar”, pois “à sua volta, as mudanças ocorrem uma após a outra, cada dia traz uma nova conturbação, as antigas suposições se esfumam no ar, se esvaziam” (*NPUC*, p. 24), prossegue, descrevendo a incapacidade de adaptar pensamentos e modos de agir previamente conhecidos aos eventos com quais é obrigada a lidar. Notemos que pensar, aqui, implica criação de novos códigos e, em termos espaciais, argumentamos que a criação de práticas e modos de estar, ou seja, formas de *habitar* a cidade, apenas é possível através da negociação de *lugares*, cuja principal característica é a estabilidade<sup>44</sup>. Tal constatação nos permite compreender a incessante busca por espaços que possibilitem fixidez como a busca de Anna pela constituição de lugares antropológicos, isto é, territórios nos quais possa estabelecer práticas duráveis.

Discordamos de Brigitte Vilequin-Mongouchon, ao afirmar que,

<sup>44</sup> Cf. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

na cidade de *No país das últimas coisas*, existe “uma única maneira de tentar resistir: estar em movimento”<sup>45</sup>. Acreditamos que a movimentação, prática de negociação espacial, presta-se – talvez de forma mais acentuada – à permanência do estado de flutuação e fragmentação, através dos obstáculos impostos à instauração de relações com o espaço utilizado. Atentamos, no romance, para outra forma de resistência: o estabelecimento de laços afetivos. Anna e Sam, o jornalista encarregado de substituir William, passam a viver juntos na biblioteca, unindo seus recursos numa tentativa de sobreviver e, quem sabe, retornar a seu país, desafiando “uma das leis da cidade [que] determina que a gente nunca bata numa porta, a menos que saiba o que há do lado de dentro” (*NPUC*, p. 86). Existem também pessoas tão magras que, para não serem levadas pelo vento, andam “em grupos de duas ou três, famílias inteiras à vezes, presas umas às outras com cordas e correntes, firmando-se mutuamente contra as lufadas” (*NPUC*, p. 11). Um dos laços mais estreitos e duradouros de Anna em sua estada na cidade se dá com Isabel, uma mulher de meia-idade que ela salvou da morte: “bem ou mal, minha verdadeira vida na cidade começou naquele momento. Tudo mais fora um prólogo, uma coleção de passos incertos, de dias e noites, de pensamentos que já não recordo” (*NPUC*, p. 44). Isabel leva Anna para sua casa e cuida dela, ensinando-lhe, na medida do possível, como sobreviver na cidade.

A necessidade de olhar sempre para as coisas como se fosse a primeira vez, uma das lições aprendidas por Anna, pode ser compreendida como um interdito ao *hábito*, que configura, para Alexandre Moraes,

uma espécie de conceito que dinamita a possibilidade de um fluxo maior do sujeito. Dito de outra maneira, no hábito a obrigação de significar. [...] A metáfora deve desaparecer sob o signo de um conceito e tal conceito ganha mobilidade para impulsionar códigos e sistemas de codificações; cria uma lógica da cultura através de elaborados sistemas de

<sup>45</sup> No original: “un seul moyen pour tenter résister: être en mouvement”.

VILEQUIN-MONGOUCHEON, Brigitte. *Voyage au coeur d'un trou noir*: lecture transdisciplinaire du roman de Paul Auster, *In the country of last things*. Disponível em <<[http://www2.univ-reunion.fr/~anglof/text/74c21e88-306.html#\\_ftn7](http://www2.univ-reunion.fr/~anglof/text/74c21e88-306.html#_ftn7)>>. Acesso em 16 nov. 2007.

transmissão e repetição indefinidas: esta a raiz do hábito<sup>46</sup>.

Em Auster, a impossibilidade do hábito é justamente a impossibilidade da manutenção de significados e da transmissão de experiência. O hábito, por suas repetições, pode conduzir a uma falsa sensação de familiaridade e segurança, propiciando desatenção, o que pode ser fatal na cidade das últimas coisas: “é assim. Um momento de desatenção, um mero segundo em que você se esquece de estar alerta, e tudo se perde [...]” (*NPUC*, p. 73).

A extrema instabilidade da cidade atinge, também, os conhecimentos criados a partir do contato com suas ruas. Assim, “o fato de conseguir entrar não significa que conseguirá sair. As entradas não servem de saída e nada pode garantir que a porta pela qual passou a um momento ainda estará ali quando você se voltar a sua procura” (*NPUC*, p. 75-76). E nos defrontamos, ainda mais uma vez, com a necessidade de constantes e incessantes negociações com este espaço, como nos dá a ver Anna, ao afirmar que “toda vez que a gente pensa saber a resposta de uma questão, descobre que a própria questão não tem sentido” (*NPUC*, p. 76). b

A cidade do relato de Anna é aquela da interdição à fixidez, a mesma que, na modernidade analisada por Moraes, relegava os sujeitos à invisibilidade do banal, ou melhor, à impossibilidade de visão efetiva do banal, exatamente o que é pedido a M. S. Fogg, narrador de *Palácio da lua*, ao ser contratado como acompanhante de um homem cego:

Dei-me conta de que nunca tivera o hábito de olhar atentamente para as coisas, e, agora que me pediam para fazer isso, os resultados eram catastróficos. Até então sempre tivera tendência para generalizar, para ver em tudo semelhanças em vez de diferenças. Agora, porém, eu estava sendo atirado o mundo das particularidades, e a luta para traduzi-las em palavras, para recolher os dados imediatos que me vinham pelos sentidos apresentava-me um desafio para o qual eu não estava preparado<sup>47</sup>.

<sup>46</sup> MORAES, Alexandre. *O outro lado do hábito: modernidade e sujeito*. Vitória: EDUFES, Centro de ciências Humanas e Naturais, 2002, p. 122.

<sup>47</sup> AUSTER, Paul. *Palácio da Lua*. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: Best Seller, s/d2, p. 131.

A Nova York descrita por Fogg, em que “todas as coisas inanimadas estavam se desintegrando; todas as coisas vivas, morrendo”<sup>48</sup>, assemelha-se à cidade de *No país das últimas coisas*, onde tudo se desintegra; e, para ambos, a *instabilidade* é o aspecto mais marcante da cidade:

Um hidrante, um táxi, um sopro de vapor a subir da calçada – tudo isso me era profundamente familiar; eu supunha conhecer tais coisas de cor. Não levava, porém, em conta sua instabilidade [...]. Tudo estava em constante fluxo. Ainda que dois tijolos de uma parede fossem muito parecidos, não se poderia dizer que fossem idênticos. Ou mais precisamente: um tijolo nunca era de fato o mesmo. Estava se desgastando, consumindo-se imperceptivelmente sob a ação da atmosfera, do frio, do calor [...], e, por fim, depois de séculos, podia ter desaparecido<sup>49</sup> (*PL*, p. 132).

Uma das principais características da cidade contemporânea é não se dar facilmente à exploração<sup>50</sup>. A falta de um centro definido, ou de marcos e monumentos que guiem o visitante, incomoda também seus habitantes, que não atribuem significados às localidades que servem, apenas, de abrigo ao comércio ou outras instituições vivenciadas como distantes, ainda que públicas. É possível caminhar por suas ruas e mesmo saber o endereço de determinado sítio, mas a cidade opõe-se à criação de hábitos, tradições ou sentidos para o que se vê e experimenta: experimentar, nesta cidade, não implica adquirir experiência.

Tomemos como exemplo o primeiro trabalho de Anna na cidade, a “caça” de objetos a serem vendidos para “agentes de ressurreição”, “empresários privados que transformam essas bugigangas em novas mercadorias e, por fim, as vendem” (*NPUC*, p. 35). Para encontrar objetos, ou partes deles, ainda aproveitáveis, é necessário que os “caçadores de objetos”, em geral jovens “rápidos e espertos”, percorram toda a cidade “impetuosamente, [...] vasculhando

<sup>48</sup> AUSTER, Paul. Op. Cit., s/d2, p. 133.

<sup>49</sup> AUSTER, Paul. *Palácio da Lua*. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: Best Seller, s/d2, p. 132.

<sup>50</sup> Cf., dentre outros, RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

delicadamente uma rua após outra, sem jamais perder a esperança de encontrar algo extraordinário ao dobrar a próxima esquina” (*NPUC*, p. 36). É fácil perceber que o deslocamento e a movimentação física se impõem à sobrevivência dos indivíduos, levados a caminhar em busca de algo que possa ser vendido, mas a aversão à fixidez é parte da própria dinâmica da cidade, em que ruas inteiras desaparecem da noite para o dia. E onde existem escombros do que foram casas e edifícios, erguem-se barreiras, construídas pelos habitantes da cidade como trincheiras:

Constroem-nas onde encontram material disponível, e ali ficam entrincheiradas com porretes, fuzis ou tijolos, à espera dos transeuntes. Tomam o controle da rua. Se quiser passar, você tem de dar o que exigirem. Às vezes é dinheiro; às vezes, comida; às vezes, sexo. Os espancamentos são um lugar-comum, e, a cada instante, você ouve falar em assassinatos (*NPUC*, p. 13).

Mas as barreiras também são edificações temporárias, que vêm abaixo quando deixam de ser úteis, ou quando um grupo perde o poder para outro, que reorganiza o espaço de acordo com suas necessidades de criação, ou melhor, negociação de lugares. Trata-se de uma forma de tentar disciplinarizar<sup>51</sup> o espaço que já não lhes proporciona segurança, no qual não confiam por ser impossível seu mapeamento cognitivo. As barreiras tornam-se então “sua única chance de obter poder sobre algo [o espaço], ainda que apenas momentaneamente. *Não querem construir abrigos tradicionais; em seu lugar, constroem muros*”<sup>52</sup>.

<sup>51</sup> Termo empregado segundo a acepção a ele atribuída por Michel Foucault em *Vigiar e punir*.

Cf. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: o nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>52</sup> No original: “[barriers] are their only chance to get even momentary power over something. They do not want to build traditional shelters, they build walls instead”.

NYSTRÖM, Helmi. *Three sides of a wall*. Obstacles and Border States in Paul Auster’s Novels. Pro gradu, October 1999. University of Helsinki, Comparative Literature, Institute for Art Research, Faculty of Arts, p. 24, grifos nossos.

Disponível em <<http://ethesis.helsinki.fi/julkaisut/hum/taite/pg/nys-trom/>>. Acesso em 31 mai. 2006.

Confrontados com a exacerbada mobilidade dessas barricadas, os moradores da cidade devem estar sempre alertas e prontos a criar novas formas de lidar com os sinais “enviados” por estas construções: a visão nem sempre é suficiente para distinguir a tempo o perigo, “porque as barreiras têm um cheiro particular que você aprende a identificar mesmo a uma grande distância” (NPUC, p. 13). Assim, a cidade impõe que se lance mão de outras formas de contato com o mundo, exigindo que os moradores voltem a confiar, por exemplo, em sentidos desprivilegiados, como o olfato, a fim de se preservarem.

Os habitantes, no entanto, não são os únicos a tentar controlar o espaço, pois também o governo se ocupa da construção de muros. Logo após a morte de Isabel, Anna tenta sair da cidade e descobre que o governo havia iniciado recentemente o “Projeto Amurada”, com planos de construir uma enorme muralha tendo como matéria-prima, assim como as barreiras, destroços e restos de edifícios, cujo objetivo seria proteger a cidade de invasões estrangeiras. A cidade fora fechada, já não era permitido chegar ou sair e Anna é obrigada a se confrontar com o fato de que está presa na cidade.

A instabilidade e extrema mobilidade das barreiras implicam uma relação de imprevisibilidade espacial que anula todo conhecimento histórico, pois as barreiras não permanecem sequer nas mesmas ruas: “novas barreiras se erguem, as antigas desaparecem. A gente nunca sabe que ruas tomar, que ruas evitar” (NPUC, p. 13). A experiência de Anna na cidade é, portanto, a da *falta de lugar* e sua frágil organização se configura espacialmente, e não temporalmente.

Tal concepção de espaço urbano como algo que prescinde da necessidade de preservação e que deve renovar-se continuamente pode ser verificada neste trecho em que Richard Sennett fala da relação de Nova York com sua história:

Muitas construções em perfeito estado desapareciam com a mesma regularidade com que surgiam novas. Num período de sessenta anos, por exemplo, as grandes mansões da Quinta Avenida [...] foram construídas, habitadas e destruídas, cedendo lugar a edificações mais altas. Hoje [no começo da década de 1990], apesar de já se cuidar da preservação do patrimônio histórico, os arranha-céus são planejados para durar cinquenta anos e financiados de acordo com essa duração estimada, conquanto sejam obras de engenharia capazes de conservar-se



por muito mais tempo. De todas as cidades do mundo, Nova York foi a que mais cresceu à custa de demolições; daqui a cem anos, as pessoas terão evidências mais tangíveis da Roma de Adriano do que da grande metrópole de fibra ótica<sup>53</sup>.

A cidade de Anna, como a Nova York descrita por Sennett, é uma metrópole em que o movimento de demolição constituiria, aparentemente, uma forma de progresso, um andar para frente às custas de ruínas. Mas, em vez de consagrar uma possibilidade de progresso, o fenômeno há pouco descrito configura-se como um movimento na verdade circular e descentrado, pois o apagar da história acarreta também o desaparecimento de noções como *para a frente* e *para atrás*<sup>54</sup>, conduzindo a uma vida em episódios instáveis que buscam evitar conseqüências que extrapolem o tempo mínimo e flutuante de sua duração.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUSTER, Paul. *No país das últimas coisas*. Trad. Luiz Araújo. São Paulo: Best Seller, s/d1.

AUSTER, Paul. *Palácio da Lua*. Trad. Marcelo Dias Almada. São Paulo: Best Seller, s/d2.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 9. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

---

<sup>53</sup> SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 291-292.

<sup>54</sup> Cf. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

## CLIFE

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MORAES, Alexandre. *O outro lado do hábito: modernidade e sujeito*. Vitória: EDUFES, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2002.

NYSTRÖM, Helmi. *Three sides of a wall*. Obstacles and Border States in Paul Auster's Novels. Pro gradu, October 1999. University of Helsinki, Comparative Literature, Institute for Art Research, Faculty of Arts. Disponível em <<http://ethesis.helsinki.fi/julkaisut/hum/taite/pg/nystrom/>>. Acesso em 31 mai. 2006.

RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VILEQUIN-MONGOUCHEON, Brigitte. *Voyage au coeur d'un trou noir*. lecture transdisciplinaire du roman de Paul Auster, *In the country of last things*. Disponível em <<[http://www2.univ-reunion.fr/~anglof/text/74c21e88-306.html#\\_ftn7](http://www2.univ-reunion.fr/~anglof/text/74c21e88-306.html#_ftn7)>>. Acesso em 16 nov. 2007.

**Recebido em 15/08/2008**  
**Aprovado em 15/09/2008**